



AS TEORIAS, A HISTÓRIA E A PRÁTICA POLÍTICA

O debate político que se começa a conhecer nas publicações portuguesas traduz todo um estilo de vida colectiva longo tempo reprimido. Ele é uma era nova, um pluralismo ainda timidamente explorado. E para muitos um imenso mistério, uma infinita interrogação. É a herança do desinteresse, do apolitismo, que era para uns a alienação dos seus interesses, enquanto era para outros a própria garantia de interesses sobejamente defendidos. Para outros era o comodismo de ignorar, de não ter problemas, de não arriscar.

Hoje a nossa experiência supõe um risco. Risco que serenamente é preciso correr. Daí que todos sejam chamados a optar — não para cumprir a regra democrática mas certamente porque interesses diferentes exigem competição e luta, luta que clarificará melhor a resposta à interrogação clássica «quem explora quem?». Certamente poderá permanecer a alienação de uns e a garantia de outros, mas ignorar torna-se perigoso. Daí a corrida aos meios de informação, daí a procura rápida de novas coordenadas que pos-

sam demarcar um quotidiano com grande peso do imobilismo.

É neste contexto que ainda sem a coerência de linhas programáticas surgem os primeiros pontos do confronto, confronto que encontra na impreparação política sérias dificuldades de leitura.

Algumas questões e algumas propostas pretendem revelar diferentes posições principalmente num contexto português que começa a exigir o falar concreto para além dos princípios teóricos.

Como interpretar o movimento de 25 de Abril e lançar as bases de um projecto político? Reforma política num sistema capitalista ou transição para o socialismo? Para Manuel Alegre (Frente Patriótica de Libertação Nacional), vivemos um processo revolucionário, as Forças Armadas (e não os professores de revolução) são a vanguarda revolucionária do povo português e portanto é prematura a nomeação de um Governo Provisório, num momento em que deveriam ser as Forças

(Continua na pág. 2)

FIM DE SEMANA . 53

1. Os magistrados administrativos, nos termos do Código Administrativo, eram nomeados pelo Ministro do Interior e da inteira confiança dele.

Deste modo, representam o governo, na sua ideologia e na sua acção, na circunscrição territorial em que exercem a função e são, fundamentalmente, os governadores civis (e substitutos) para o distrito, e os presidentes (e vice-presidentes da Câmara) para o concelho, com a distinção, na matéria de funções, de que os primeiros preenchem fins predominantemente políticos e os segundos fins de administração local e políticos, com mais incidência daqueles sobre estes.

A mudança, dentro de um sistema governativo dominante, da pessoa do Ministro do Interior não altera a confiança nos magistrados administrativos, pois a orientação política do governo se mantém — e é o governo que eles representam; a própria substituição total das pessoas que formam o governo, ainda não atinge a confiança política neles, desde que não se altere a ideologia política do sistema dominante.

Exercem, pois, funções ou predominante ou acentuadamente políticas.

Após o 25 de Abril modificou-se totalmente a ideologia do sistema governativo do país.

Logo foram exonerados os governadores civis e seus substitutos.

Certamente porque a medida poderia acarretar uma desarticulação de toda a administração local, não exonerou logo a Junta, os presidentes e os vice-presidentes das Câmaras, até mesmo porque as suas funções são largamente de natureza administrativa; parece que a única atitude politicamente válida que estes magistrados tinham a tomar seria pôr o seu lugar à disposição da Junta, — exercendo o cargo até decisão oportuna da Junta, ou do Governo, e alguns, muitos ou poucos, poderiam ser confirmados ou reconduzidos — mas era pôr o seu lugar à disposição da Junta — até porque isso não implicava a sua imediata demissão.

Que me lembre do que li, só três o fizeram, entre eles o Presidente da Câmara de Alcobaça, este com a expressa declaração de que não podia continuar a servir um regime político diferente daquele que nele confiara, até porque a sua ideologia política o ligava ao regime deposto. Fascistas ou não — foram homens politicamente dignos que merecem respeito.

Os outros? Os outros ficaram à espera. Como nada aconteceu nos dias próximos, desataram a enviar telegramas de apoio ao movimento das Forças Armadas, ou ficaram à espera do que acontecia.

E o que se passa com os magistrados administrativos, passa-se com quase todos os dirigentes da administração pública escolhidos pelo Governo deposto para lugares de confiança. Todos têm vindo protestar o seu apoio, o seu democratismo, e têm esperado a ver o que acontece.

Ora a atitude destes magistrados e funcionários superiores de administração parece ambígua: ou o seu apoio ao regime político deposto e a sua integração nela eram de fachada, não merecendo a confiança que os governantes neles tinham, tendo aceitado os cargos por qualquer interesse pessoal, ou se preparavam agora para defraudar o novo regime político, ganhando-lhe uma confiança que nada afiançava.

Chega-se à conclusão, afinal, de que a maioria dos dirigentes eram democratas camuflados e ignorados...

Dói ter de tirar estas conclusões — mas a atitude destes homens define bem a ideologia do regime e as razões que o sustentavam.

2. Chamavam-lhes depreciativamente os baladeiros. Música boa era só a dos festivos da R. T. P., dos Pacos Bandeiras, dos Gabrielis Cardoso, Calvários, Marias Albertinas e outros — dos que não diziam nada nas canções, de letra totalmente idiota; os baladeiros eram perigosos, cantavam canções com letra válida, cheia de intenção, que denunciava o regime.

Muitas das suas canções estavam proibidas; quantas canções ignoradas temos ouvido depois de 25 de Abril tão grandes de beleza!

No entanto, como as letras das canções não eram compreensíveis para parte da população, adormecida no folclore barato, nos ídolos sem qualquer valor artístico, algumas eram toleradas.

A esses lutadores, cantores e poetas — José Mário Branco, José Afonso, Adriano Oliveira, Letria, e tantos outros — muito se ficou a dever a mentalização do povo, pela denúncia de ideologia política governante e dos seus processos

(Continua na pág. 2)

PORTA ABERTA

PARA AS CRIANÇAS E PARA OS VELHOS

Para as crianças, todos o sabemos, embora poucos, mesmo muito poucos, tenham talvez pensado em profundidade, quantas carências a sociedade que tínhamos para elas deixava.

Nem eu as conheço todas, porém lamento que, desde a deficiente assistência à mãe durante a gravidez, à má nutrição da criança na primeira idade e à falta de um conveniente desenvolvimento físico e mental antes da instrução primária, tenham sido e continuem ainda a ser a indagação nítida da dedicação dos nossos governantes. Isso causa uma guerra à vontade de termos orgulho de ser portugueses, guerra que só se não transformava em revolta contra a sociedade, porque além do medo da repressão, infelizmente muitos viviam na «SANTA PAZ DA IGNORÂNCIA».

Hoje mais livres e consequentemente mais responsáveis, devemos tomar conhecimento dos problemas, o que nos permitirá verificar que Espinho é um dos concelhos onde menos se tem feito pelas crianças.

Eu não conheço cá qualquer jardim ou infantário a nível popular, sem fins lucrativos ou ao alcance das crianças das várias classes económicas. Mas conheço e de forma directa todo o esforço de uma colectividade para criar em Paramos um local onde as crianças tivessem um mínimo desse direito, que aliás chegou a favorecer mais de 40 crianças onde predominavam as das classes de mais débeis recursos.

Porém, a nossa Câmara, que desde a primeira hora prometeu todo o auxílio moral e material, quando lhe foi posto o problema da necessidade de um subsídio da ordem dos 80 contos, para poder ser continuada a obra que já tinha perto de um ano de actividade, não só não deu qualquer resposta ao apelo da colectividade patrocinadora, como, mais tarde, por altura das eleições, veio publicamente afirmar que os respectivos directores não queriam um jardim escola, mas sim, servir-se dum jardim escola, afir-

mação que considero a machadada fatal destinada a cortar cerce um dos mais elementares direitos das crianças.

E o que temos para os velhos, que, enquanto puderam, trabalharam, muitos quase como escravos, para interesses dos grandes senhores que ainda comandam a sociedade?

Para muitos velhos temos um pouco mais ou um pouco menos que o abandono, comparado ao que normalmente se dispensa a uma máquina quando gasta

(Continua na pág. 2)



DIA DA CRIANÇA

ALVARO A. E.

HOJE

Dia mundial da Criança

Em tempos que já lá vão (olhem que não foi há muito tempo) safu um artigo neste semanário que tentava mostrar o que por cá, em Espinho, havia (e há) para crianças. Sendo o Dia Mundial da Criança, um dia para nós reflectirmos sobre o que é e o que deverá ser a criança na sociedade, lembrámo-nos de publicar novamente esse texto, para que as pessoas vissem se alguma coisa se fez de lá até cá.

Ora aí vai:

Você vive numa cidade onde nada se fez pela criança, onde o único parque infantil jaz sob o peso de um «monstro» — hotel; onde o projecto de infantário se que- dou por umas paredinhas dispersas num areal; onde se publicam planos complexos de melhoramentos astronómicos sem uma única realização voltada para a população infantil!

O quê, há cento e cinquenta lugares no ensino pré-primário e precisamente, para as mesmas crianças que, de verão, podem frequentar os «matinés-infantis» que têm como fim único o lucro dos empresários?

A interrogação está posta. Faça mais algumas (e muitas haverá) e não fique por aí, mexa-se, faça alguma coisa.

Para começar, amanhã, Domingo à tarde, leve os seus filhos e os colegas ao parque, mas deixe-os recrear livremente.

Eles têm o seu mundo próprio.



SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMÉNIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA
CARLOS SARRIA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

As teorias, a história e a prática política

(Continuação da pág. 1)

Armadas a dirigir a política. O Partido Revolucionário da Proletariado (Brigadas Revolucionárias), considerando, como vários outros grupos de extrema-esquerda, que o 25 de Abril não alterou o regime social, as relações de exploração, propõe que as liberdades democráticas devem ser um instrumento para a revolução socialista e defende a preparação do proletariado para uma luta armada de perspectivas diferentes da levada a cabo em regime fascista, tendo em conta que só um proletariado forte e armado poderá fazer a revolução socialista mesmo através de meios pacíficos, caso a burguesia lhe não oponha a violência. Para Sottomayor Cardia (Partido Socialista), estamos perante uma situação política original em que as instituições democráticas não resultarão de progressivas concessões de capitalismo nos seus objectivos de integração dos conflitos, podendo portanto garantir uma democrática transição para o socialismo, que nem a experiência chilena poderá desencorajar, já que após este movimento dificilmente as Forças Armadas se aliarão à grande burguesia.

Como considerar os conflitos de trabalho sem permitir que se esboce uma reacção fascista? Os partidos com representação no Governo Provisório apelam, na sequência da Junta de Salvação Nacional, para que se não multipliquem as greves, que consideram favorecer a Reacção, serem mesmo por ela desejadas. Octávio Pato (Partido Comunista) alerta que as desordenadas reivindicações salariais permitirão ao capitalismo monopolista absorver as pequenas empresas, num argumento que apela evidentemente para a pequena burguesia. Miguel Urbano Rodrigues (Diário de Lisboa) recorda o Chile e a Bolívia recomendando um realismo de pés assentes na terra contra um radicalismo que avalia mal as condições objectivas. Jorge Sampaio (Movimento da Esquerda Socialista) recusa um aparelho de estrangulamento de lutas populares, reivindicando que em cada luta concreta os trabalhadores saberão definir os seus verdadeiros interesses, os seus objectivos, a sua luta. Frederico de Sousa (Comércio do Funchal) argumenta que não é retirando a iniciativa às massas populares mas sim apoiando essas iniciativas que se pode preparar a destruição do fascismo a diversos níveis e refere-se também à experiência chilena.

Como resolver o problema colonial? As declarações de princípios de apoio à independência dos Partidos Socialista e Comunista contrapõem a Junta de Salvação Nacional e o Partido Popular Democrático uma hesitante atitude de espera (enquanto aliás no plano diplomático impera a iniciativa). Miller Guerra recusa a participação no Governo por considerar que o estabelecimento de negociações e o cessar-fogo é um ponto fundamental. Entretanto os factos começam a tentar desmentir os seus receios, enquanto os movimentos de extrema-esquerda, exigindo o imediato regresso dos soldados, denunciam, como alguns Movimentos de Libertação, a nova política como uma tentativa de conseguir continuar uma relação colonial. Manuel de Lucena (Expresso) afirma que nos ilude quem pretender ser fácil conjugar as aspirações da grande maioria do povo português e, esclarecen-

do que o país terá muito a perder com o domínio absoluto de algumas soluções com sistemática marginalização de outras, recusa o sacrifício da descolonização à independência, ou vice-versa, ou de ambas à democracia.

★

Estamos não só perante opiniões mas principalmente perante os primeiros traços de ideologias que abordam de modo diverso a solução dos problemas e certamente nas suas propostas interpretam interesses de diferentes grupos sociais.

Evidentemente que não é um artigo de jornal, porventura não serão os próprios programas partidários, que conseguem esclarecer devidamente o espectador deste mundo de tendências e sectores que muitas vezes são obscurecidos pelas próprias afirmações ideológicas. Delinear objectivamente o significado de determinada tendência política exige não só informação mas reflexão histórica.

Recordo aos bancos escolares a sedução com que estudava a história da Revolução Francesa, de que saiu na sua pura expressão de liberdades fundamentais o conceito de democracia que agora reencontramos. Todos nós porém aprendemos uma História romanceada e empírica, sem o rigor das leis económicas e sociais, que em si é uma ingénua leitura do passado, como ingénua é tantas vezes a nossa jornalística leitura do presente.

Aliás talvez se possa dizer que «historiadores precisam-se» para desenvolver análises da nossa experiência democrática anterior ao Estado Novo, das peculiaridades características do fascismo português, dos traços fundamentais da colonização portuguesa e das recentes políticas coloniais. Isso permitirá conhecer a originalidade da actual situação política portuguesa, sobre a qual se projectam alternativas que só igualmente uma análise histórica da evolução das formas económicas do capitalismo e das estratégias de luta do movimento operário permitirão compreender.

Mas não é o «entendido», como espectador, o actor da política pois que colectivamente, e libertado de uma cultura que lhe seja alheia, cada grupo social encontrará os seus caminhos. A luta ideológica é porém essa fase de libertação cultural das concepções e valores impostos de fora. É nesse contexto que se inserem de modo ambivalente os meios de comunicação social (e é útil analisar a informação que é privilegiada pela imprensa mesmo, depois de aparentemente os redactores se terem libertado de uma censura dos poderes económicos, e em que medida, derrubada a censura política, essa censura ideológica se identifica ou não com a pressuposta censura económica).

Em última análise, a consciência política porém forma-se na prática política e não certamente na leitura de jornais. Não se trata de uma prática que ponha à prova as teorias dos partidos políticos, mas de uma prática que possa gerar as próprias teorias.

A. Roma Torres

(in «VOZ PORTUGALENSE»)

RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO PORTUGAL* Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS À MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

E' necessário que...

— Seja revisto o programa de limpeza dos tanques da Piscina Solarí Atlético que passou a ser feito às segunda e sextas-feiras a partir das treze horas da tarde.

Somos levados a crer que tal medida tenha sido tomada para que não haja trabalho nocturno como antigamente ou então para poupar dinheiro. Mas se a razão é a poupança, ter a Piscina fechada duas tardes por semana não é, para além da receita que forçosamente dá, uma atitude antiturística?

— Sejam ultimados os trabalhos da empreitada das ruas 8, 19 e 26 e ainda os da passagem subterrânea da Rua 19. Afinal não se vislumbra um mínimo de boa vontade por parte dos empreiteiros em cooperarem com os serviços públicos, por sua vez habituados à paternal

tolerância de não apertar com os estabelecidos ou necessários.

— A CP, que agora não tem os administradores intocáveis, ou diga quando faz, as obras programadas. Já agora que estamos a entrar no verão até passa a ser um motivo de atracção para os raneantes e turistas...

J. J.

SESSÃO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO

Realizou-se na passada 4.ª feira no Teatro S. Pedro, uma sessão de que só poderemos dar notícia com o merecido realce na próxima semana.

O comentário na TV do General Galvão de Melo

Homem do ar, o General Piloto Aviador Galvão de Melo prestou serviço durante vários anos no Campo de Aviação em Espinho onde ficou ligado pelo casamento. Oficial distinto, foi compelido a passar à reserva quando comandava a Base Aérea de Monte Real com o posto de coronel.

Do seu comentário do passado dia 27 na TV, e que foi transcrito na imprensa diária, destacamos a seguinte passagem:

«Mas, talvez, o que se vê e ouve, tão contrário ao bem comum por que todos ansiávamos, seja apenas o gesticular grotesco, o vozear desa-

finado de uns poucos que nunca pagaram na enxada para cavar o pão que comem por excesso ou jamais puderam conceber ideias que mereçam a pena ouvir sem que no-las gritassem.

Também há os que nada querem senão o mal...

Teremos de os ensinar usando de certa paciência e da firmeza necessária.»

Atentando com atenção na mensagem que estes três períodos encerram, esperamos que saibam interpetá-la os que gritam para se fazerem ouvir.

Almeida Campos

PORTA ABERTA

(Continuação da pág. 1)

e pouco produtiva, facto que a sociedade responsável finge ignorar e com certeza pretende se não recorde.

Mas é forçoso que se apontem as carências e se demonstre a necessidade de cortar o mal pela raiz para serem criadas condições mais humanas.

De entre muitos vou referir um facto, que não sendo certamente dos mais graves neste concelho, poderá servir para que se tome consciência da necessidade de modificar as actuais estruturas:

Com 66 anos, vive em Paramos um homem que desde os 12 anos sempre trabalhou como marítimo. É sócio contribuinte da Casa dos Pescadores desde a sua fundação, para onde ainda paga agora a quota mensal de 12\$50. Sempre fez todos os descontos estabelecidos de acordo com os resultados da pesca.

Agora, com aqueles amargurados 66 anos, trémulo, sem forças e deitando sangue pela boca, chora. Chora por não poder trabalhar e porque não trabalharia, pensa ele, já não corresponde ao que a sociedade ainda dele esperava.

— Podre sociedade a nossa que não lhe concede mais que uma «pensão» ou reforma de 200\$00 que não dá para

alimentação, vestuário e tratamento da sua doença, etc., durante cada mês.

— Podre sociedade a nossa que ainda permitia que, com o pretexto de ser para pagar o internamento hospitalar em Espinho, lhe tenham ficado com essa misera «pensão» durante dois meses.

— Podre sociedade a nossa que reconhece a necessidade de medicamentos e não lhos dá sem que os pague.

Assim rodeado, o homem velho e doente, numa derradeira tentativa, pede emprestados 800\$00 para pagar a primeira dose de medicamentos, que há muito podiam ter amenizado a sua doença e permitido mais algumas forças para juntar à sua vontade de produzir para poder sobreviver e ainda ser útil.

Mas o homem velho e doente agora sofre também porque reconhece a dívida e não sente forças para a poder pagar.

Ele sabe, porque os entendidos lhe disseram, que precisa de mais duas doses iguais de medicamentos, mas já prefere a morte que ficar a dever mais a esta sociedade, que a ele tanto deve.

— Podre sociedade a nossa enquanto não nos aplicarmos a sério para derrubar as estruturas que coisas destas permitiam e não trabalharmos para que se criem condições mais humanas.

Domingos Monteiro

FIM DE SEMANA

(Continuação da pág. 1)

— mentalização que a foi levando à receptividade do movimento militar.

Hoje já se não lhes chama depreciativamente «baladeiros» nem às suas canções baladas, mas canções de texto.

Muitas dessas canções e poemas vão perder a popularidade e esquecer, porque foi ultrapassado o momento histórico que as motivou; mas é preciso eternizá-las pelo que representam da resistência do pensamento, porque se integram na clandestinidade que lutou contra o sistema deoposto.

E por detrás deles um poeta que era

MÓVEIS
COUTORESTAUROS — ESTOFOS
DECORAÇÕES

Rua 16 n.º 358 — Telef. p. f. 922364

— ESPINHO —

um nome maldito e que é um dos maiores poetas vivos da língua portuguesa cujo nome hoje posso finalmente escrever e homenagear — Manuel Alegre.

VASCO LUIS

NOTÍCIAS DA CIDADE

NÃO SERÁ EXAGERO?

Temos a maior consideração pelo trabalho abnegado do bombeiro voluntário. Indiferente aos seus interesses pessoais, esquecido de obrigações profissionais ou de defesa da própria integridade física, corre a socorrer o seu semelhante nas ocasiões de perigo, sem esperar outra recompensa que não seja o orgulho do dever humanitário cumprido.

Por isso nos custa ter que redigir este comentário de hoje. Já de há muito se fazem reparos ao modo como é dado alarme pelas corporações locais para que os bombeiros acorram a prestar o seu auxílio em qualquer acidente. Alertam-se os bombeiros e a população para as catástrofes, maiores ou menores, com o silvar portentoso das sirenes. Todo o Espinho que não seja surdo as ouve, fazendo de todos os espinhenses, no comentário humorístico de um nosso amigo, outros tantos bombeiros voluntários. Porque o condicionalismo em que vivem as corporações não permite outro procedimento menos barulhento, temos que aceitá-lo. Mas já nos custa aceitar que, quando os voluntários são menos lestos a acorrer ao seu quartel, se torture os ouvidos de tanta gente, com um exagero de continuidade do funcionamento das estridentes sirenes. Quando se combate tanto, entre tantas poluições, também a poluição sonora, não haverá um modo de, sem afectar a eficiência dos socorros a quem deles precisa, poupar a população, fazendo funcionar mais espaçadamente as sirenes de alarme?

RECTIFICAÇÃO

Entre as «Notícias da Cidade» do nosso número anterior figurava uma respeitante ao início da «semana inglesa» nos estabelecimentos do comércio local. A encerrar a local anunciava-se o horário de funcionamento que passou a vigorar. No entanto, verificou-se um lapso de informação, que urge rectificar, quer no interesse dos clientes quer no dos próprios comerciantes e seus servidores. Trata-se do período de descanso a observar de segunda a sexta, que será entre os 12,30 e as 14,30 horas, e não como por erro nosso publicamos.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ESPINHO

ANÚNCIO

Pela secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Aníbal Santos Oliveira, divorciado, empregado comercial, residente na Rua 6, n.º 736 desta cidade e comarca de Espinho para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Maria da Luz Rocha, menor, representada por sua mãe Maria Rosa da Rocha Pinho de Oliveira, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Espinho, 20 de Maio de 1974.

O Juiz de Direito,
(a) Emídio Teixeira

O escrivão,
(a) José Pinto de Magalhães Júnior

Agradecimento

A comissão de comerciantes que se empenhou na instituição do regime de «Semana Inglesa» na nossa cidade, vem, por este meio, agradecer a todos os comerciantes a atenção, boa vontade e espírito de colaboração tão evidentemente demonstrados na aceitação e rigoroso cumprimento do encerramento de seus estabelecimentos no passado sábado dia 25.

PRECISA-SE

Rapazes para prática de serviços de escritório e armazém

Telefonar para 921454

FILMODA

Durante os dias 18 e 19 de Maio realizou-se no HOTEL PRAIAGOLFE, nesta cidade, a 2.ª PRÉ-SELECÇÃO DE CALÇADO organizada pela FIL — Feira Industrial de Lisboa e com a colaboração do FFE — Fundo de Fomento de Exportação.

Estiveram presentes além das entidades directivas das FIL e FFE, modelistas estrangeiros nomeadamente de Bélgica, Finlândia, Portugal, Itália, França, Grã-Bretanha, Alemanha, Dinamarca, Canadá, que apresentaram os seus modelos em vinte gabinetes especialmente montados para eles. Os fabricantes portugueses de matérias-primas para a indústria do calçado apresentaram-se numa mostra colectiva que esteve patente ao público em geral no Salão de Mármore do referido Hotel.

Dado os dias em que esteve patente esta exposição registaram-se cerca de 1000 visitas tanto de pessoas ligadas ao ramo como de simples curiosos por este tipo de organizações.

De lamentar a falta de estruturas de apoio às horas livres destes visitantes como por exemplo: jogo, piscina coberta, cinemas, teatros, etc., etc.

À ESPERA DE QUÊ?

Já aqui se falou no assunto. Mas não perde por mais. Pelo menos para que não nos fiquemos remorsos por calar o que não deve ser calado.

No ângulo das ruas 62 e 26 havia o Posto da P. V. T. A sul do pequeno edifício montaram uma balança para verificação das cargas dos veículos pesados. Acabada a P. V. T. as suas funções passaram à G. N. R. E algum tempo depois as portas do Posto ficaram definitivamente fechadas. Para aproveitar o metal, certamente, retirou-se a tampa de ferro que tapava a bocarra da balança. Tantos meses depois, a única protecção que previne a queda de qualquer peão que por ali passe são uns paus toscos. Num dos nossos números um redactor abordou o caso.

Pois em 1 de Junho continua o buracão aberto, à espera de quê? Qual é o orçamento que não tem verba disponível para se proceder à vedação que é necessária? Qual é a entidade responsável por esta anomalia? A quem deverá pedir responsabilidades uma das muitas vítimas potenciais que por ali passam? Continuaremos a ficar à espera? À espera de quê?

Fotocópias

Rua 26 n.º 335

ESPINHO

ITALIANOS EM ESPINHO

Entre 21 e 25 de Maio estiveram no Hotel Praiagolfe 115 cidadãos italianos, membros da Companhia Dell'Arte dei Brandatori Bazzano, que vieram em visita ao Norte de Portugal a convite do Grémio dos Exportadores de Vinho do Porto. Um programa completo ocupou-lhes todo o tempo de permanência no Norte, de 21 a 25, nesta última data se tendo deslocado para uma ligeira visita a Lisboa, de onde partiram de novo para Bolonha.

Os nossos visitantes desfrutaram bastante do pouco que Espinho pôde oferecer-lhes, mostrando-se contentes com o tempo que lhes permitiu utilizar a Piscina e provar o peixe e mariscos nos restaurantes locais em várias horas da noite e do dia. Todos lamentaram que o Casino estivesse fechado pois gostariam de poder jogar e divertir-se dançando ou assistindo a espectáculos de variedades.

DO HOSPITAL

MOVIMENTO DE 21 A 28 DE MAIO DE 1974

Internamentos gerais	51
Exames radiográficos	154
Crianças nascidas	26

INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS

Cirurgia geral	15
Urologia	7
Ortopedia	1
Obstetria	1
Otorrino	3
Oftalmologia	1

SERVIÇO DE URGÊNCIA

Homens	136
Mulheres	152

INTERNADOS ENTRE OUTROS

Aurora Alves Neves, para cirurgia, de Silvalde; Joaquim Domingues O. Silva, para cirurgia, de Espinho; Maria Esperança Pereira Espírito Santo, para obstetria, de Moselos; Ana Maria Martins Pinto Rodrigues, para obstetria, de Miramar.

PELA PSP

No dia 21 do mês em curso, foi apreendido por um agente desta Polícia, numa oficina de reparações de motorizadas, sita nesta cidade, um motor de motorizada que havia sido furtado juntamente com a motorizada a AMÉRICO REIS MIRANDA, conforme foi publicada na devida altura.

★

No dia 22-5-74, queixou-se NARCISO MAIA DA SILVA, residente na Rua 28, n.º 513, nesta cidade, de no dia 16 do corrente lhe terem furtado do seu auto-ligeiro de passageiros dois faróis, quando a viatura se encontrava estacionada na Rua Quatro em Espinho.

★

No dia 21-5-74, queixou-se JOAQUIM DE AMORIM, residente em Sales-Silvalde, contra Manuel Alves, seu vizinho, de o haver agredido, causando-lhe vários ferimentos.

★

No mesmo dia 21-5-74, queixou-se ANTÓNIO DIAS FERREIRA, igualmente residente em Sales-Silvalde, contra o Manuel Alves acima indicado, de o haver agredido, causando-lhe também alguns ferimentos.

★

Igualmente no dia 21-5-74, queixou-se JOAQUIM INÁCIO P. AMORIM, também contra o Manuel Alves, de o haver agredido com uma foice, provocando-lhe ferimentos de certa gravidade.

★

Ainda no mesmo dia 21-5-74, queixou-se o referido MANUEL ALVES, contra os aludidos Joaquim de Amorim; António Dias Ferreira e Joaquim Inácio P. Amorim, igualmente destes o haverem agredido. Todos foram tratados no Hospital de Espinho, seguindo para as suas residências, após tratamentos.

Agenda

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Hoje é amanhã — Farmácia Santos — Rua 19 — Telef. 920331.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 1 — PARA MIM AS MULHERES, NEM FU NEM FA, com Peret e Conchita Bautista — 18 anos.

Amanhã, domingo, 2 — CAI A NOITE SOBRE A CIDADE, com Alain Delon e Catherine Deneuve — 18 anos.

Quarta-feira, 4 — BEN E CHARLIE, com Giuliano Gemma e Marisa Nell — 18 anos.

Sexta-feira, 6 — FORTUNATA E JACINTA, com Emma Penela e Maximo Valverde — 14 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 1 — VAMOS A ISTO RAPAZES, com Terence Hill e Bud Spencer — 10 anos

Amanhã, domingo, 2 — O PORTEIRO, com Michel Galabru e Maureen Kerwin — 18 anos

Segunda-feira, 3 — ANJOS DE ASAS QUEIMADAS, com Nadja Tiller e Suzanne Uhlen

Terça-feira, 4 — SARTANA MATA TUDO, com John Jarko e Cristina Iosani

Quarta-feira, 5 — O AFILHADO DO PADRINHO, com Franco Franchi e Laura Belli

Quinta-feira, 6 JERRY 8 3/4 — com Jerry Lewis — 10 anos

Sexta-feira, 7 — AGUIRRE O AVENTUREIRO, com Klaus Kinsk e Helena Rojo.

NASCIMENTOS

Em Espinho:

Pedro Miguel, filho de Joaquim Manuel Nogueira Leandro e de D. Maria Manuela Nogueira Teixeira;

Maria Manuela, filha de Américo Rocha Pinho Miguel, e de D. Maria Dolores de Oliveira;

Pedro Miguel, filho de José Marques de Araújo e de D. Maria Alice dos Santos Faria.

CASAMENTOS

No Santuário de Fátima, Augusto Abílio da Cruz Tinoco com D. Maria Zita Moura de Castro Lima.

FALECIMENTOS

Em Espinho, Alzira de Oliveira, de 77 anos, solteira.

FLÁVIO LARANJEIRA

No passado dia 23 de Maio faleceu em Oliveira de Azemeis o sr. Flávio Laranjeira, viúvo, de 67 anos de idade, filho dessa grande figura de Espinho que foi o Dr. Manuel Laranjeira, e pai de D. Maria Cândida Pereira Peixoto Beleza Laranjeira, D. Maria Manuela Beleza Laranjeira Alves Moreira, Aníbal Manuel Pereira Peixoto Beleza Laranjeira e Dr. Flávio Beleza Laranjeira. O extinto foi futebolista de raro mérito, fazendo parte de uma das grandes equipas do F. C. Porto, para onde transitou de uma das mais famosas turmas do Sporting Clube de Espinho, em que deu as primeiras passadas desportivas.

A família enlutada expressamos as mais sentidas condolências.

EXPLICAÇÕES

Disciplinas de Ciências
(ENSINO LICEAL OU TÉCNICO)

Telef. 922432 — ESPINHO

Colabore para uma cidade mais limpa

GAZETILHA

CALMA, CIDADÃOS

Ideias!
Cabeças cheias
De ideias!
Há um mês, poucas havia;
Se havia, ninguém dizia
Que as tinha, porque ao dizê-lo,
Chegavam-lhe «a roupa ao pêlo».
Os amigos da Verdade
Bem na calavam;
Não lhes davam
Nem ponta de liberdade.
Eis que esta chegou, por fim,
Pondo termo à iniquidade!
Um delírio de alegrias!
Mas, passados poucos dias,
Em comícios, nos jornais,
Escolas e sindicatos
Na Rádio, na rua, enfim
Todos querem muito mais:
Todos, em termos exactos,
Muito mais e sem detença:
— «Que destas horas não passe!» —
Pedem, como se tratasse
De «roupa de franceses»
Cada cabeça emite uma sentença!
Tal como fogos chineses
Em noite de S. João,
Fogos cruzados de ideias
Sulcam um céu de Verão.
A solta e sem peias,
São greves, aos molhos,
São exigências, reivindicações,
São protestos aos montões
Como atendê-los, sem trocar os olhos?!
Como poderá quem manda
Trabalhar proficuamente,
Promovendo o bem de gente
Que assim se apressa e desmanda?
Tomai tento, portugueses!
Sede sensatos e humanos:
Quem esperou dezenas de anos
Em medo e passividade
Por Justiça e Liberdade,
Como é que agora não pode,
Sem PIDE que o incomode,
Esperar, com dignidade,
Mais meia dúzia de meses?!

Alberto Barbosa (BEKA)

GRANDE CASINO DE ESPINHO

HOJE
1 de Junho de 1974
INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA

MÚSICA DE BAILE

PELOS CONJUNTOS:

- THE DROPS
(Quinteto italiano)
- JOSÉ QUELHAS
- PROMOTION MUSICAL

VARIEDADES

- BALLET ANTHONY SHOW (Alemão)
a cançonetista portuguesa
- Mariete Pessanha
e os patinadores acrobáticos suecos
- THE SKATING BREDOS

RESTAURANTE

Jantares concerto — Esmerado Serviço
no

SALÃO RESTAURANTE * SLOT - MACHINES

CINE-TEATRO

- às 15,30 e 21,30 horas — 10 anos
- o filme VAMOS A ISTO RAPAZES
com Terence Hill e Bud Spencer

PARTIDO POPULAR DEMOCRÁTICO

A Comissão Organizadora do Partido Popular Democrático, depois de reunir com pessoas de várias regiões do País interessadas no seu desígnio inicial, elaborou um primeiro esboço de linhas para um programa que definirão a sua acção.

1. 1. A democratização do País em bases realistas e irreversíveis é tarefa prioritária, evitando que a queda duma ditadura operada pelo MFA possa transformar-se na sua substituição por outras ou na renovação do mesmo totalitarismo.

1. 2. Tal implica não só a adesão activa ao programa do MFA como a clara definição de opções, principalmente nos sectores económico-sociais e quanto ao problema do Ultramar.

1. 3. A concepção e execução dum projecto socialista viável em Portugal, hoje, exige a escolha dos caminhos justos e equilibrados duma social-democracia, em que possam coexistir, na solidariedade, os ideais de liberdade e de igualdade.

1. 4. Esta visão social-democrata da vida económico-social requer necessariamente:

a) **Planificação e organização da economia com participação de todos os interessados**, designadamente das classes trabalhadoras e tendo como objectivos:

— desenvolvimento económico acelerado;

— satisfação das necessidades individuais e colectivas, com absoluta prioridade às condições de base da população (alimentação, habitação, educação, saúde e segurança social);

— justa distribuição do rendimento nacional.

b) **Predomínio do interesse público sobre os interesses privados**, assegurando o controlo da vida económica pelo poder político e pelos meios técnicos adequados às circunstâncias, incluindo a propriedade social dos sectores chaves da economia e das empresas que operam de facto como poderosos instrumentos de domínio na vida dos cidadãos.

Esta propriedade social não revestirá formas dogmáticas, mas adoptará as fórmulas convenientes, designadamente controlo por autarquias regionais e locais, entidades sindicais, cooperativas, empresas de economia mista, «holdings» do Estado e nacionalizações.

c) **Todo o sector público da economia deve ser democraticamente administrado e controlado por um órgão representativo, separado do Governo, a que incumbirá a superintendência de toda a actividade do Estado.**

d) **A liberdade de trabalho e de empresa e a propriedade privada serão sempre garantidas até onde constituírem instrumento da realização pessoal dos cidadãos e do desenvolvimento cultural e económico da sociedade, devendo ser objecto de uma justa programação e disciplina por parte dos órgãos representativos da comunidade política.**

e) **A liberdade sindical, o direito à greve, a participação, fiscalização e co-gestão das empresas por parte dos trabalhadores são meios necessários para uma permanente e contínua subordinação da iniciativa privada e da concorrência aos interesses de todos e à justiça social.**

f) **Adopção de medidas de justiça social (salário mínimo nacional, frequente actualização deste salário e das pensões de reforma e sobrevivência, de acordo com as alterações sofridas pelos índices de custo de vida, reformulação do sistema de previdência e segurança social, sistema de imposto incidindo sobre a fortuna pessoal preferentemente ao rendimento de trabalho com vista à correcção das desigualdades).**

g) **No sector agrário, são prioritárias acções que visem a eliminação do absentismo e o desenvolvimento da empresa agrícola, apoiada pelo crédito, e uma intervenção activa na comercialização e industrialização dos produtos.**

h) **Consideração do trabalhador como sujeito e não como objecto de qual-**

quer actividade. O homem português terá de libertar-se e ser libertado da condição de objecto em que tem vivido, para assumir a sua posição própria de sujeito autónomo e responsável por todo o processo social, cultural e económico.

1. 5. A construção duma democracia política duradoura, no Portugal de hoje, exige um governo estável, democraticamente controlado, com rejeição de fórmulas de parlamentarismo puro e elaboração duma lei eleitoral que evite a pulverização partidária e dê direito de voto aos maiores de 18 anos e aos portugueses residentes no estrangeiro.

1. 6. A democratização da vida regional e local e a descentralização das estruturas do Poder são consideradas condições basilares para a integral vigência da ideia democrática.

1. 7. A abolição da ditadura em todas as suas formas, impõe o saneamento da vida política, económica e administrativa pelo julgamento dos crimes constitucionais de responsabilidade de corrupção, contra a saúde pública e dos consumidores e, dum modo geral, contra a vida económica nacional, bem como dos abusos do poder.

1. 8. A real independência do poder judicial perante os poderes político e económico e a competência dos juizes para a apreciação dos actos das autoridades públicas que afectem os cidadãos nas suas liberdades, direitos e interesses constituem garantias indispensáveis à criação e conservação de uma ordem pública portuguesa democrática e livre.

1. 9. O Estado deve manter-se separado de todas as confissões religiosas não podendo, nomeadamente, interferir na designação dos responsáveis de qualquer delas nem assumir o papel de garantir com as suas leis o cumprimento de deveres religiosos dos cidadãos.

1. 10. A garantia da livre e integral realização da pessoa na convivência com os outros, obriga à reformulação do papel da mulher na sociedade portuguesa, eliminando-se todas as fórmulas discriminatórias.

1. 11. A educação e a formação constituem serviço público no mais amplo e digno sentido de expressão porquanto são fundamento e garantia de liberdade e de responsabilidade. A igualdade de oportunidades, alargamento de horizontes e a preparação ou readaptação à vida em sociedade são os objectivos fundamentais de educação e formação.

1. 12. a) Cada comunidade social política e culturalmente diferenciada tem o direito inalienável de dispor do seu próprio destino. Nisto consiste o seu direito de autodeterminação.

b) Para o exercício efectivo do direito de autodeterminação é necessário nos territórios em guerra, a obtenção dum cessar fogo imediato negociado com os movimentos de libertação.

c) Se algum, alguns ou todos os territórios ultramarinos vierem a autodeterminar-se no sentido de formarem Estados independentes, Portugal procurará preservar de forma adequada os interesses morais, culturais e económicos que tem em comum com as respectivas populações.

2. As bases aqui estabelecidas, que parecem abordar os problemas mais importantes de momento, serão concretizadas através de programas sectoriais, englobando um conjunto de medidas viáveis e eficazes, e que se enquadrarão no conjunto de princípios a formular pelo P. P. D.

3. Estas bases constituem ponto de convergência de um vasto grupo de opinião, a que a comissão organizadora dará proximamente estruturação adequada, fazendo cessar a actividade daquilo a que convencionou chamar-se «ala liberal» e seus prolongamentos, pelo nascimento dum partido de orientação social democrata.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

Francisco Sá Carneiro
Joaquim Magalhães Mota
Francisco Pinto Balsemão

A COMISSÃO ORGANIZADORA DO PARTIDO POPULAR DEMOCRÁTICO em Espinho, convida o Povo de Espinho interessado na iniciativa a comparecer no próximo dia 5 de Junho, pelas 22 horas, no Salão Nobre da Piscina Solario Atlântico, para assistir a uma sessão de esclarecimento, durante a qual serão registadas adesões.

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

O regime fascista português, muito particularmente na personalidade do «grande estadista» professor Oliveira Salazar, condenou, desde o alvorecer da sua despótica prática política, o acesso do Povo à educação.

A atestá-lo temos as medidas de encerramento de Escolas Primárias e sua substituição por Postos Escolares, onde a Educação passou a ser ministrada por Regentes Escolares.

Infantários e Jardins Escolas, considerava o Estadista, uma inutilidade.

Tal atitude surge como estandarte de apologia à defesa e manutenção de interesses capitalistas, onde a «exploração do homem pelo homem», não admite veleidades, atitudes oníricas face a uma verdade incontestável de meia dúzia!

Num sistema, em que o Capital é a justificação da sua existência, a intervenção financeira que não con-

duz à mais valia e que em termos de escrituração despesa-receita é improdutivo, a curto prazo, não pode ser, não é, não será, objecto da sua preocupação.

Como a classe exploradora só poderá reinar enquanto mantiver a máquina produtora em «bom funcionamento», numa crescente acumulação de Capital e bens, a par de uma exploração salarial, promove o aniquilamento de todas as capacidades do indivíduo ou orienta-as no sentido que mais lhe convém, evitando deste modo uma imposição à sua corrida vertiginosa ao Capital; à mais valia, aos meios de produção.

Esta dupla exploração atinge não só o adulto, mas de um modo muito especial a criança.

Como a questão não pode ser analisada num só artigo, sob pena de cair numa superficialidade que não tem, iremos abordar em separado todos os problemas relativos a esse situação, iniciando desde já com:

A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

A educação da criança é feita essencialmente pela família e pela escola. No sistema fascista, quer uma quer outra, eram moldadas de modo a fazer da criança um ser adaptado ao sistema, concebendo-a como futuro homem, que seria produtivo e subordinado. Ultimamente, no entanto, o conhecimento da criança estava na moda da burguesia, embora somente como pensamento teórico e não com efeito actuante, ficando a grande massa da população indiferente.

A educação familiar é o primeiro meio em que a criança é orientada para uma maneira de estar na vida, que não entre em choque com a orientação imposta pelo regime, sendo os seus agentes os pais, que giram num círculo vicioso, no qual estão completamente integrados, e que se baseia no convívio entre superiores que tomam as decisões, e subordinados que as executam; ou seja, para uns o poder e a austeridade, para outros a obediência e a submissão. Assim, a criança habituava-se a ver no pai a imagem dum ser omnipotente, omnisciente, que detém o poder submetendo-se-lhe cegamente, continuando mais tarde a ver no mestre, no patrão, até no chefe de estado a imagem do pai.

Os pais, quando lhes cortam o fio da juventude tornam-se o espelho dos seus próprios pais, a que eles reagiram activamente, provocando-lhes toda a sorte de despotismos, tantas vezes encarados com despreocupação, e em que têm causas profundas e efeitos perduráveis; quantos, entre aqueles que não tiveram, em criança, a sorte de poder satisfazer as suas necessidades de actividade expansiva, de expressão criadora, de comunicação livre não alimentaram pensamentos secretos que teriam aterrado os seus pais, se acaso tivessem podido conhecê-los; quan-

tas crianças não mataram, em pensamento, num dia da sua vida, um pai ou mãe autoritários ou despóticos, experimentando depois o remorso deste pensamento. Mas, não se lembram disso. A sociedade deu-lhes um estatuto, a coberto do qual eles exerceram uma autoridade «moral» fundada num estatuto hierarquizado, fundado na desigualdade, legitimando o poder e autoridade do adulto, exigindo obediência, docilidade e submissão da criança fraca e desprotegida perante aquele que não lhe dá largas a qualquer fuga ao normal. Mais, julgam, sob pena de cair num grave erro, cair na posição de «pai diligente» na condução e direcção da criança pelo «bom caminho» ao longo de toda a infância, para ser considerado um bom pai, digno da criança «bem educada», que terá produzido, é a solução ideal. Pense na criança, no seu futuro, no seu papel na sociedade, não pense do que pensarão os seus amigos.

A escola, na sociedade fascista, prolongava a actividade dos pais, de maneira ainda mais perniciosa, porque a escola não estava ao serviço da criança (esta é uma verdade que deve conservar-se presente no espírito) mas sim ao serviço da sociedade, que queria homens formados em função das suas necessidades objectivas e colocados cada um no seu lugar. Desde que a criança se tornava estudante, tornava-se muito mais objecto da formação institucionalizada.

A função essencial da escola era garantir a continuidade e a estabilidade sociais, pela transmissão às gerações descendentes das normas e técnicas existentes, aplicáveis no futuro. Ensinando a ciência feita, que os alunos tinham de «marrar», a escola tornava-se automaticamente um elemento de conservadorismo

social e não um factor de progresso. Por isso, não a víamos cultivar no indivíduo a criatividade, a iniciativa, a fecundidade imaginativa, a reflexão crítica, pois poderia contribuir para pôr em causa os valores tradicionais, fundamentos da segurança e estabilidade da sociedade fascista.

A escola era uma enorme máquina de condicionamento, uma máquina que, recebendo as peças à entrada, as conduzia de escalão em escalão, até à saída, salvo quando fazia estagnar ou transformar em refugio, aqueles que os critérios industriais, não podia aperfeiçoar segundo um programa estabelecido, o que naturalmente levava o aluno a ir às aulas para ter êxito nos exames, percorrendo e finalizando o programa não para aprender coisas úteis e interessantes mas para não ser apanhado descalço nos interrogatórios.

O mestre, necessariamente não fugia a isto, até porque foi educado nisto mesmo, e o interesse dos alunos passarem, também era o seu, por uma questão de prestígio e de promoção.

Alguns professores progressistas, procuravam fazer pressão sobre as estruturas e afastavam-se das normas, arriscando-se desde logo, a terem contra eles os pais, que lhes censuravam fazer perder tempo às crianças, dar-lhes ideias e favorecer comportamentos diferentes daqueles que era moeda corrente na família. O desacordo entre pais e professores sobre as finalidades essenciais da educação é uma coisa sempre grave e de que a criança se torna a principal vítima. Arriscava-se ainda a ter grandes problemas com as autoridades de que dependia, pois a centralização administrativa tinha pouco gosto pela fantasia e pela autonomia, e arrastava um conformismo a qual era deveras

difícil subtrair-se pois o educador estava integrado num sistema, com os seus programas, os seus exames, as suas estruturas disciplinares colectivas e ainda a deficiência de condições materiais que prejudicam enormemente a evolução de um ensino que visa a boa formação de cidadãos.

Era muito mais fácil para um professor condicionar a criança, apoiando-se sobre «a imagem do pai» e as estruturas administrativas existentes: uma criança privada de liberdade, sob uma vigilância apertada e constante, coactada nos seus movimentos, dispondo apenas de iniciativas sem alcance autêntico estritamente controladas, sem nunca ter tempo para respirar, sonhar ou divertir-se com ninharias, essa criança estava colocada sob todas as condições necessárias e suficientes para a esterilização de todas as suas faculdades de reacção.

O mestre era o delegado do pai e o seu representante, encarnando, por isso, para a criança a «imagem do pai» e revestindo-se dos seus atributos de omnipotência e omnisciência. O mestre decidia e ordenava, a criança submetia-se. A cumplicidade entre o mestre recompensava e punia, tão gritante que vemos o pai retomar por sua conta as censuras magistras e agravar o castigo.

Não é nestas condições que a criança poderá ser um membro activo duma sociedade que nós desejamos o mais possível consciente.

A CRIANÇA É UMA ARMA CARREGADA DE FUTURO.

Secção Cultural (A. A. E.)

(texto baseado na «A actividade criadora da criança» (Robert Gloton-Claude Clero)



EHI

PÁ!

Cinema



Dois filmes de grande importância exibem-se entre nós nos dias 6 e 7 de Junho no Casino de Espinho.

São dois filmes diferentes, quer de vídeo ao tratamento técnico, quer à temática abordada, quer ainda à personalidade e estilo dos seus realizadores, mas são ambos um exemplo de como fazer cinema e de como abordar certos temas, através de sistemas que se tornam mais atraentes aos olhos dum público habituado a ingerir em doses industriais autênticas homenagens à imbecilidade e à alienação.

Quer «Jerry B 3/4», de Jerry Lewis, quer «Aguirre, o aventureiro», de Werner Herzog, são filmes extremamente importantes e merecendo uma análise cuidada do espectador.

Mas em que reside a importância destas películas?

Em particular e sobre «Jerry B 3/4», de Jerry Lewis, poderemos afirmar que o autor não é o cómico de efeitos fáceis a que estávamos habituados quando da sua

parceria com Dean Martin, mas sim um dos realizadores mais válidos do actual cinema americano que, através da comédia, desmistifica factos da vida corrente, dum modo intensamente violento e eficaz, não caindo no habitual sistema de efeitos fáceis, à base da estupidez e da pornografia.

Em relação à obra de Werner Herzog, «Aguirre, o aventureiro», fazemos nossas as palavras de Eduardo Geada no CINÉFILO:

«Servindo-se da tradição espectacular do filme exótico de aventuras (a fim de conquistar as grandes audiências, como afirma o realizador), Herzog mostra-nos o percurso suicida de um grupo de soldados espanhóis, companheiros de armas de Pizarro e Cortez, à procura de um El Dorado imaginário, virtualmente situado na Amazónia do século XVI. O que interessa Herzog é denunciar, através da facilidade da intriga, as ilusões históricas do colonialismo, os mecanismos arbitrários do Poder, a cumplicidade repressiva

O PÚBLICO DO CINEMA

(Conclusão da 8.ª página)

o êxito de bilheteira e pouco ou nada se referem ao valor propriamente dito do filme. É o que encontramos tão abundantemente divulgado em cartazes ou impressos nas páginas da propaganda dos jornais ou nas revistas da especialidade. Quase tudo o que aí encontramos impresso (relevo para os nomes dos actores, palavras-chave como apaixonante, aventura, acção, etc.) se insere num processo de atrair o espectador que consiste essencialmente em tranquilizá-lo sobre o interesse do filme, melhor dito, do espectáculo, uma vez que se repete uma linguagem

estereotipada, feita de lugares mais que comuns.

Portanto, é principalmente através da publicidade que a produção cinematográfica condiciona o público de modo a torná-lo amorfo, conformista, desejoso unicamente de ver bem empregado o dinheiro do seu bilhete.

É por estas razões que esse mesmo público — embora diversificado nos seus interesses ou motivações, como se dizia no princípio — tende a tornar-se exclusivamente passivo, consumidor obediente e calado de todo e qualquer filme, qualquer que seja a sua (não) qualidade. Importa, nas condições actuais da produção cinematográfica, quase exclusivamente votada à obtenção do maior lucro, por todo e qualquer meio, importa, pois, considerar o público do cinema como exposto, desprevenido, desarmado, em geral incapaz de reagir criticamente perante uma enorme maioria de filmes mediocres que precisamente o convidam à mediocridade de ideias, de linguagem, de sentimentos, numa palavra, de vida. Por isso mesmo, uma visão dinâmica do mesmo público urge a opção pela necessidade de lhe fornecer informação através de críticas e outros tipos de actividades (debates de filmes de interesse, por exemplo) que permitam e realizem um autêntico espírito crítico.

**A
Maior
Organização
do País
em
Compra, Venda
e Colocação
de Capitais**



A CONFIDENTE

**CAPITAL SOCIAL E RESERVAS:
40.000.000\$00**

Rua Passos Manuel, 4-1.º * PORTO
Rua do Ouro, 292-1.º * LISBOA

Colégio de N.ª Sr.ª da Conceição

CURSOS: Liceal - Ciclo Preparatório - Primário - Infantil
Iniciação Musical - Artes Plásticas e Decorativas
Música com Exames no Conservatório - "Ballet"

Telefone 920303 — **ESPINHO**

MOTORISTA - LONGO CURSO

Firma localizada em Espinho, pretende admitir para seu serviço
um motorista com prática de longo curso

A resposta deve ser enviada ao n.º 51 deste jornal, manuscrita pelo
próprio, indicando idade, ordenado pretendido, tempo de prática e
firmas onde tenha trabalhado. — Guarda-se sigilo estando empregado.

Armazém de Lanifícios

ALVIFEX

Alves & Ferreira, L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569 (Provisório)

Centro de Enfermagem de Espinho

Aberto das

8 às 13 e das 14 às 21 horas

Dispondo de competente serviço de
enfermagem, oxigénio, camas articu-
ladas, aspiradores, etc. ● Ambulância
c/oxigénio para transporte de doentes.

Rua 16 n.º 868

Tel. 921587 (das 8 às 13 e das 14 às 21 h.)

Tel. de urgência 922329
(das 21 às 8 h.)

ESPINHO

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES
de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lúrio — **ESPINHO**

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o
género de Pintura Artística, Móveis de
Adorno e todo o género de objectos
de decoração

Armando Alves Ribeiro

Desenhador - Pintor de Arte

Rua 18 n.º 943 — **ESPINHO** — Telefone 921412

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO

MEDIADOR AUTORIZADO



TRIBUNA DESPORTIVA

Do sr. ABEL TEIXEIRA, recebemos a semana transacta, porém sem hipóteses de ser incluída no último número deste Jornal, a missiva seguinte:

Venho novamente à presença de V. para, a bem da verdade, e se assim for julgado conveniente, esclarecer o seguinte:

Quando através do vosso conceituado semanário me dirigiu a «Tribuna Desportiva» para tentar saber quem tinha sido o legal vencedor do «Bronze Joaquim Cunha» e onde o mesmo se encontrava, moveu-me, como é meu apanágio, a melhor das intenções, pois, uma vez que tenho em meu poder o referido, era meu desejo entregá-lo a quem de direito.

O mesmo «bronze» não foi por mim encontrado numa lixeira, mas, outrossim, num ferro-velho em Dezembro de 1968.

Quando contactei com o Sr. Alberto Alves, o que sucedeu por mera casualidade, sobre o mesmo assunto, já me tinha dirigido a essa «Tribuna Desportiva» e, expliquei-lhe até as condições em que, havia encontrado o referido «bronze», que são precisamente as evocadas no ponto anterior.

Como me é solicitado, no penúltimo número do nosso semanário para responder aos três pontos expostos, aqui estou gostosamente a satisfazer tal curiosidade.

Quanto aos dois primeiros pontos, julgo já ter sido sobejamente claro. Contudo, ainda poderei acrescentar mais o seguinte:

Da mesma maneira como encontrei o «Bronze Joaquim Cunha» que foi identificado como original, encontrei também, há cerca de três anos, algumas dúzias de cartões de jogadores, entre os quais, os dos srs., Lusitano Gil, José Vivas, Olímpio Rola, Valdemar Brandão, Cláudio de Almeida, Aníbal Bouçon e outros, a quem pessoalmente fiz a sua entrega, tendo até enviado um para o Brasil conforme poderei provar. Encontrei, também, uma histórica fotografia do S. C. E. onde, entre outros, se encontra o saudoso Alberto Valente.

Encontrei ainda diversos documentos, nomeadamente um projecto e planta do campo de jogos do S. C. E. e cópia, do parecer com aprovação de 17-9-53. En-

contrei também pastas com correspondência diversa, e um galhardete com a seguinte inscrição:

«Ao Sporting Clube Vianense». Tenho ainda em meu poder diversos emblemas que foram oferecidos ao sr. Alberto Valente, bem como livros desportivos, passaportes e fotografias pessoais.

Sobre tudo isto deixo ao critério de V. as considerações que julgar ou entender por mais convenientes.

Quanto ao último ponto, nada me impedia de me dirigir ao S. C. E. Todavia, julguei por bem, que tornando o assunto público talvez o mesmo pudesse ser esclarecido com uma maior propriedade.

Posto isto julgo ter satisfeito o desejo formulado pelo orientador da página desportiva, desse conceituado jornal.

Supondo que de momento é tudo... com o meu reconhecimento, subscrevo-me, atenciosamente

Abel Teixeira
Rua 23 — Espinho

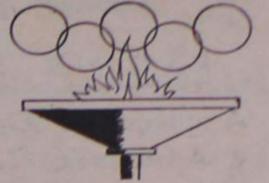
Agradecemos ao sr. Abel Teixeira a sua solicitude e parece-nos, desde já, bem claro o interesse numa secção como esta. Aliás, inicialmente, e por erro, tomamos a pergunta que o sr. A. T. nos dirigiu como própria de «Consultório Desportivo», secção que, conforme explicamos, não é possível mantermos neste jornal.

Como se verifica, o assunto posto pelo sr. A. T. merece que a Direcção do Sp. de Espinho apure quanto se passou de molde a que, numa próxima assembleia geral, a massa associativa possa ser elucidada, pois dá a ideia de que o Clube foi espoliado de troféus, objectos e documentos, que faziam parte do seu património. Houve incúria, desleixo, erro ou qualquer outro motivo, para que alguém ou algumas pessoas, deitassem pela borda-fora coisas que deviam ficar no Clube ou, eventualmente, serem entregues a quem pertencessem. Nunca para o lixo, ou para o «ferro-velho», como coisas inúteis e despedidas de significado e valor.

É indispensável esclarecer-se este assunto até ao fim e a «Tribuna Desportiva» fica à espera de que, outras pessoas, possam trazer subsídios para a história deste caso. De resto, não há dúvida, a sorte é que tudo foi parar às mãos do sr. A. T. e, portanto, o Clube e quem quer que seja estão garantidos quanto à sua recuperação.

Escusado será dizer-se que esperamos ver a Direcção do Sp. de Espinho tomar a posição devida neste caso, para que numa assembleia geral a massa associativa seja esclarecida.

DESPORTO



PÁGINA SEMANAL ORIENTADA POR CARLOS SARRIA

COM LICENÇA

MAIS DO QUE CONTINUAR

Bonda que se consulte, semana a semana, o «Placard». Mau grado não ser, ainda, tão completo como o imaginamos e desejaríamos. Todavia, por ele podemos ter uma ideia da actividade desportiva das modalidades ditas «pobres» nesta terra. «Pobres», entendamo-nos, de recursos. Nunca de interesse, jamais de valor.

Espinho, através dos seus dois Clubes, movimenta muitas equipas. Consequentemente muito atletas. E há bastantes turmas dos escalões etários mais jovens. Prova provada de que se tenta fazer «escola», iniciação, para existir continuidade, para haver futuro. Certo.

Claro, escusado será dizê-lo, ainda se estará distante da plataforma ideal. A percentagem de praticantes está longe de corresponder à desejável massificação. Mas, esse é um mal do país e não se circunscreve a Espinho.

Todavia, dentro de um plano de relatividade, não se tem feito má obra cá no burgo nesse aspecto. Ginástica, voleibol, hóquei em patins, andebol de 7, as actividades desportivas que põem em movimento maior número de atletas. Pode-se dizer, até, que se não há maior amplitude, isso deve-se a factos estranhos. Por exemplo, à insistência com que quiseram amarrar-nos desportivamente ao jugo aveirense. Acabou o atletismo, o ténis de mesa. Não principiou o basquetebol.

Estamos no dealbar de uma épo-

ca nova para o desporto. A reviravolta dada ao país, também terá de criar novas estruturas desportivas. Infalivelmente. Estruturas desportivas onde se deseja mais gente a praticar desporto e muito menos desportistas de bancada. Onde se espera pelo desporto levado às escolas. Onde se pretende que a juventude se vire abertamente para ele, extraíndo benefícios físicos e mentais. Desporto pelo desporto. Desporto competitivo. Desporto como exercício físico. Desporto como elo de relações humanas, de confraternização, de sã convivência. Nunca como factor alienatório.

Em Espinho trabalha-se nas tais e pelas tais ditas modalidades «pobres». Bem? O suficiente? Claro que não. Os condicionais. A tão propalada falta de infra-estruturas. As dificuldades. O desfasamento. Contudo, dentro de um plano relativo, razoavelmente bem. É incontroverso.

Agora, para o futuro, é preciso mais do que continuar, fomentar, ampliar, dinamizar, aderir, desde logo, a novos processos, porquanto há cá matéria prima para trabalhar, para aproveitar, e para que aproveite os benefícios do desporto, da prática das modalidades amadoras, cujo incremento há-de ser um facto cada vez mais real.

E Espinho tem tido um labor relativamente bom em condições que eram más. Pode ter um labor óptimo em condições boas.

C. S.

FUTEBOL

«NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

SP. ESPINHO, 1- VARZIM, 0 (intervalo: 0-0)

1. Entusiasmo, excitação, expectativa. Jogo difícil. Difícilimo. Importante também. Para ambos. Daí duas equipas nervosas. Sentiu-se desde logo. Futebol aos repelões. Demasiado aéreo. Desgarrado. Domínio repartido. Mas... os «tigres» mais perigosos. Unicamente os perigosos. Longe da bitola exibicional evidenciada ultimamente. Todavia, construindo e desperdiçando ocasiões. E mostrando-se mais equipa.

2. Os poveiros defendiam-se. Rispidamente. Muito faltosos. Com defensiva fechadíssima e reforçadíssima. Pelas faltas sucessivas, pela rispidez, pela importância do prélio, os locais não encontravam o seu ritmo. Porém vieram a dominar os acontecimentos no segundo tempo. Então quase sempre em cima do antagonista. Construindo várias ocasiões, mas, por falta de espaço, de sorte, de esclarecimento habitual, de tranquilidade, não concretizando. Até a barra defendeu.

3. O que não seria justo. Contudo o golo, «tirado a ferros», veio. E era merecido. Os «tigres» faziam jus ao triunfo. Maior domínio, melhor equipa, apesar de ambas se exibirem longe do aceitável. Sobretudo pela sua posição classificativa. No entanto, a importância e responsabilidade pesavam. Era um passo em frente para o título. Deu-o o Sp. de Espinho.

4. E fez por isso. O golo aconteceu aos 84 m. Jogada de ataque (mais uma), centro rasteiro de Júlio, para TELÉ aparecer e emendar sem hipóteses. Entretanto, Jarbas e Salvador, varzinistas, viram o «amarélo».

5. Grande enchente no «Avenida». Tarde ligeiramente ventosa, com

sol pálido. Apitou Sebastião Pássaro (Setúbal), com Carlos Valente (bancada) e Ezequiel Feijão (peão). Apitou muito e nem sempre bem. Sobretudo no aspecto disciplinar. Há rispidez e agressões. E houve muita gente a abusar. Até do lado espinhense, para vinganczinhas, o que pode resultar mal. E nesta altura do Campeonato, todos não são demais.

6. As equipas:

SP. DE ESPINHO

Luz; A. Augusto, Simplício (aos 78 m. Teixeira), Gonçalves (cap.) e Gabriel; Meireles, F. Costa e Júlio; Augusto, Telé e Malagueta; Suplentes, ainda: Aníbal, Ribeirinho, Gomes e A. Jorge.

VARZIM

Freitas; Basílio, Quim, Artur (cap.) e Sidónio; Salvador (aos 88 m., Ruben), J. António e Álvaro (aos 88 m. Albano); Ademir, Jarbas e Marques.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J.	V.	E.	D.	F.	C.	P.
ESPINHO ...	34	18	8	8	56	28	44
Sanjoanense	34	17	9	8	41	26	43
Fafe	34	15	12	7	41	17	42
Un. Coimbra	34	14	13	7	53	34	41
Penafiel	34	18	5	11	51	29	41
Varzim	34	16	8	10	43	33	40
.....							
.....							
Lamas	34	7	9	18	25	40	23
Aves	34	5	7	22	23	74	17
Gouveia	34	5	4	25	18	61	14

PLACARD

HOQUEI EM CAMPO

Vitória da AAE por 1-0, no reduto do Lamas, para o «regional» de reservas.

★

Para igual torneio de 1.ª categorias, a AAE venceu por falta de comparecimento o Senhora da Hora.

GOLFE

Nos «greens» do Oporto Golfe Clube, na meia-final da «Taça Delaforce» Jorge Seromenho v. Afonso Martins por 5-4; na «Taça Pablito», Renata Stuve e Igrejas Bastos v. Teixeira Oliveira e J. M. Teles, por 5-4.

★

No torneio mensal aberto, ficou em 1.º lugar o dr. Eduardo Tamego, 2 «dwn». O melhor «gross» foi de H. Brito e Cunha.

★

Num jogo da meia-final da «Taça Pablito», a dra. Manuela Bastos e dr. Alexandre Pinto v. Alice e J. Seromenho por 6-4.

HOQUEI EM PATINS

Na 1.ª jornada do «metropolitano» da 2.ª divisão (zona norte), a turma principal da AAE foi perder com o Riba de Ave por 5-3.

★

Nova e brilhante exibição dos hoquistas infantis da AAE, ao baterem o F. C. Porto por 3-1, ficando apurados para a «final» com o Valongo, a jogar no dia 16 deste mês. Jogaram e marcaram: Brito, J. Silva (2), Sousa, Vitor Hugo (1), G. Gil, Salvador, Tozé Sá e V. Gil. Ao intervalo, exibição de patinagem artística pela prometedora jovem Wanda Brandão, a denotar muita intuição.

No «regional» de iniciados, os jovens da AAE bateram o Boavista por 16-1 e comandam destacados a sua série.

VOLEIBOL

Dois triunfos dos veteranos do SCE para o respectivo torneio. Contra EFACEC, 3-0 e contra Nun'Alvares, 3-1.

★

Em encontro para o «Torneio Encerramento» nortenho, o Fluvial veio derrotar o SCE por 3-0, equipas femininas.

DIVERSOS ASSEMBLEIA GERAL DO SCE

Realizou-se ontem a assembleia geral extraordinária convocada pela Direcção do Clube, para tratar de assunto de muito interesse para a Colectividade. Considerando que, quando da realização daquele acto o nosso Jornal já estava pronto, não nos é possível inserir hoje qualquer notícia sobre o que se tratou e o que foi resolvido, todavia, na próxima semana, faremos uma súmula e um comentário sobre o acontecimento.

★

Embora continuando a ser grave, sobretudo relativamente ao futuro do homem e do futebolista, o estado de Djalma registou algumas melhoras, porém, segundo fontes autorizadas, os prognósticos são, por enquanto, muito falíveis.

★

Na contagem da semana transacta para o «Troféu do Melhor Público Desportivo», instituído pela FPF, a classificação relativa à 2.ª divisão era assim: 1.º União de Leiria, 16,15 p.; 2.º Atlético, 16,09 p.; 3.º SCE, 15,59 p.



CINEMA NOVO EM PORTUGAL

A década de 60 viu aparecer pelo mundo além o CINEMA NOVO. O nome veio do Brasil mas a realidade é hoje universal. Que significa o fenómeno CINEMA NOVO? Antes de mais, de um ponto de vista económico, Cinema Novo significa o rompimento com os condicionamentos de produções economicamente demasiado onerosas para que se pudesse garantir ao realizador o mínimo de liberdade criadora.

Consequentemente, CINEMA NOVO significa sobretudo o aparecimento de vasto número de filmes onde o Homem e a sua realidade social são encarados de frente sem artificios que alienam em lugar de esclarecer e informar. Paulo Rocha em Portugal, com VERDES ANOS e MUDAR DE VIDA, realizou duas obras que são desde já dois acontecimentos na maneira de encarar e de realizar cinema entre nós.

NOTA DE ABERTURA

Diálogo com o leitor

Daqui em diante o leitor atento e interessado encontrará mensalmente no jornal esta secção. Cinema, televisão, discos não são novidade para ninguém. De um ou de outro, com maior ou menor frequência, conscientemente ou por inércia, todos nos tornámos consumidores destes avassaladores meios de comunicação. Aliás é com satisfação que nos sentimos cidadão do mundo ao assistir à estreia de um filme que sabemos estar em exibição contemporânea em Nova Iorque ou Tóquio ou que participamos na aventurosa alunagem dos astronautas ou na sua espectacular amargem, aliás com as imagens que têm à sua disposição os cientistas do Centro de Controlo Espacial. Enfim é vocação destes meios de comunicação divulgar à escala da humanidade inteira divertimento, informação e formação. Porque à humanidade inteira se dirigem chamam-lhe os anglo-saxónicos mass-media.

De facto, de sua vocação são meios de massa, que se dirigem indiferenciadamente ao sábio e ao ignorante, à criança e ao velho... Não fazendo acepção de pessoas, de destinatários eles envolvem portanto a tentação de a todos nivelar pelo menor número possível de exigências. Não é mesmo exagerado supor que determinados grupos de público possam alienar a sua própria personalidade às sugestões e modelos de comportamento que o filme ou a emissão de televisão lhe propõem.

É justamente nesta faceta dos mass-media que se insere a presente secção. Não é nossa intenção fornecer receitas-de-juramento ou receitas-de-críticas. Propomo-nos sim, essencialmente, fornecer elementos de reflexão que permitam ao espectador-consumidor formular, ele próprio, os seus juízos críticos. Por isso basear-nos-emos essencialmente em textos de crítica (a filmes, sobretudo).

É nossa intenção também que esta secção possa ser «local» de encontro e diálogo com os leitores. Por isso esperamos que o leitor faça chegar até nós os seus pontos de vista, sobretudo quando estiver em desacordo. Para nós, este, quando se busca a interpretação coerente dos factos não é mais do que a manifestação de facetas diferentes da verdade que parcelarmente se mostra a cada um, sem jamais se entregar a alguém em exclusivo.

É sua, portanto, esta secção. Esperamos a sua participação.

José Vieira Marques

O Público do Cinema

Ainda que as estatísticas demonstrem ser o divertimento o principal motivo a atrair a grande maioria dos espectadores ao cinema, esse público — de que fazemos parte todos, com maior ou menor frequência — não é, de maneira nenhuma, um público homogéneo, motivado apenas pela necessidade ou costume de se distrair, de esquecer perante o fascínio das imagens da tela iluminada as preocupações do quotidiano. As sondagens e inquéritos mais cuidadosos mostram que, nesse público, há uma certa percentagem (pequena, demasiado pequena, por vezes!) para que os bons filmes são ocasião para adquirir novos conhecimentos, para contactar grupos e culturas diferentes da sua, para confrontar as suas ideias e convicções com outras, alheias, numa palavra permitem realizar uma acção cultural, um progresso em conhecimento.

Mas, qual é, de facto, o público que, de um ponto de vista económico, interessa ao cinema enquanto indústria poderosa? Evidentemente, aquele que possa consumir, na maior escala possível, os filmes da produção corrente, dominados aliás pela mediocridade. Com esse objectivo, a indústria e o comércio (distribuição) cinematográfica tendem a condicionar o mais possível o seu público virtual. Como? Principalmente através da publicidade.

A publicidade cinematográfica interessa fundamentalmente que o espectador esqueça as suas preferências individuais para, alienando-se, as substituir pelas motivações superficiais que têm muito a ver com o espectáculo de que se deseja

(Continua na pág. 5)

Aprender à própria custa

Um problema que me têm abordado, com certa insistência, é o da alienação das nossas experiências e das nossas opiniões, às dos críticos.

Surgiu-me a última vez, quando deixei de ver dois filmes, parados em Lisboa, a melo de Julho, numa retrospectiva (cine tarde) do neo-realismo italiano dos anos 50 — tinham-me dito que eram maus. Se os tivesse visto, podia separar então eu o trigo do joio, ao mesmo tempo que punha à prova as informações do crítico em questão. Mas, devo dizê-lo, estava já também cansado de cinema, com quatro filmes (que não me inflamaram grandemente) em três dias — isto para além de outras razões.

É com efeito isto uma coisa delicada — receber-se a priori o aplauso, condenação ou desinteresse abalizados numa obra de arte, neste caso um filme. Poderá esta dificuldade resumir-se numa estatística dos casos em que a opinião do crítico coincide com a nossa, e dos outros em que não coincide? Creio que não. Mesmos os críticos entre si não estão muitas vezes de acordo. É certo que mesmo entre eles podemos destacar uma vanguarda e uma retaguarda, e que as suas opiniões têm teoricamente mais peso que a do espectador médio. Mas, este, embora servindo-se da crítica, deve, a meu ver, desconfiar sempre dela e não ir levianamente atrás dos seus alvites, de consciência descontraída. (No meu caso pessoal o problema é mais agudo — ou é que o será mais? — porque nas minhas idas ao cinema uso correntemente os críticos como freio à abertura da bolsa).

Em geral parece-me de maior acuidade a alienação do nosso julgar (com tudo o que de mais importante ele transporta) ao NAO do crítico que ao seu SIM. Porque ele recomenda quase sempre filmes que eu — tenho de falar por mim — venho também a considerar bons, enquanto os que desaconselha não têm sido, com a mesma frequência, por mim classificados de maus.

O DIFÍCIL DA QUESTÃO ESTÁ PARA MIM NESTE PONTO: É QUE

É O ESPECTADOR QUE TEM DE EVOLUIR ATÉ AO NÍVEL DO ESPECIALISTA (QUANDO O CRÍTICO O É...), A CUSTA DA SUA EXPERIÊNCIA E DO SEU ESFORÇO, NÃO PODENDO ADERIR AS SUAS OPINIÕES DE FORA, MAS DE DENTRO.

Um caso que me chocou (ainda sou dos que se chocam) foi o de «Coisas da Vida» (Claude Sautet), para mim um filme lírico, poético — e que pude ver alguém apodar de desonesto, falando até a seu respeito em Lelouch (sobre Lelouch haveria também que dizer, mas não agora).

Fui ver o filme já escudado pelo SIM de um amigo que considero, em certos aspectos, perceber mais de cinema que eu (— pode-se é claro deprender das lhas anteriores que os escudos que uso nunca são por mim reconhecidos como à prova de bala, ainda que oferecidos pela maior sumidade na matéria, porque tento sempre furá-los com a minha capacidade). E saí do filme impressionado. Ele entretanto escudou-se com NAOS de críticos da nova praça (sem pejorativo), e não foi ver. Pergunto: será que se ele visse o filme antes dos tais NAOS o aplaudiria? e que se o vir agora, depois dos NAOS, o chumba sem receios? Quanto a mim, recuso-me a admitir uma tal oscilação mas tenho que pensar que só os factos me poderiam tirar todas as dúvidas. Dúvidas não tenho é de que gostei fabulosamente do filme e de que por isso não concordo com os tais críticos — e que seria para mim uma alienação das maiores se tivesse feito como o meu amigo (sendo eu eu e não ele) e não visse o filme, o que era quase certo se tivesse sabido aquando ele dos NAOS que referi.

É isto precisamente pela razão que expus atrás: se eu vier algum dia a reconhecer que este filme é desonesto, mau, isso dever-se-á a um processo evolutivo pessoal interior. O essencial é que é impossível — feliz ou infelizmente — aprender sem ser à nossa custa.

A. Gonçalves

Camara Municipal do Espinho
Rua -19
ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO